

A presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At)

Uma análise de sua importância teológica na reconstituição de Israel realizada pelo Messias Jesus, o filho de Jacó

Boris Agustín Nef Ulloa

Resumo

Este estudo apresenta as razões teológicas pelas quais a presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At) assume um caráter fundamental para a compreensão da reconstituição do antigo Israel e da missão desempenhada pelo Messias Jesus junto ao povo da Aliança. De fato, a ação messiânica de Jesus de Nazaré em favor dos samaritanos, no Terceiro evangelho, é sublinhada por meio de três perícopes exclusivamente lucanas (9,51-55; 10,29-37; 17,11-19). A reconstrução do antigo Israel, enquanto descendentes de Jacó é prevista nos evangelhos da infância (Lc 1,26-38; 2,8-14); porém, o derramamento do Espírito sobre os samaritanos, enquanto selo de participação na Aliança oferecida pelo Messias de Israel, igual que sobre judeus (At 2) e gentios (At 10-11), é somente relatada e confirmada na segunda parte da obra lucana, no livro dos Atos dos Apóstolos (At 8,4ss). Assim, a presença positiva dos samaritanos revela a preocupação lucana quanto à unidade do Antigo Israel, do Israel das origens, dos descendentes de Jacó, sobre os quais reinou David a partir de Jerusalém.

Palavras-chave: Samaritanos, Reconstituição de Israel, Obra Lucana (Lc-At).

Abstract

This study presents the theological reasons for which the presence of the Samaritans in Luke's work (Luke-Acts) takes on a key to understanding the reconstitution of Ancient Israel and of the mission fulfilled by the Messiah Jesus to the people of the Alliance. In fact, the messianic action of Jesus of Nazareth in Samaritans favor, in the Third Gospel, is underlined through three exclusively Lukan periscopes (9:51-55; 10:29-37; 17:11-19). The reconstruction of Ancient Israel, as descendants of Jacob is predicted in the gospels of the childhood (Luke 1:26-38; 2:8-14); however, the outpouring of the Spirit upon the Samaritans, like a seal of participation in the Alliance offered by the Messiah of Israel, is the same on Jews (Acts 2) and Gentiles (Acts 10-11), it is only reported and confirmed in the second part of Luke's work in the book of the Acts of the Apostles (Acts 8: 4ff.). So, the positive presence of the Samaritans reveals Luke's concern for the unity of Ancient Israel, the Israel of the origins, the descendants of Jacob, on which King David ruled from Jerusalem.

Keywords: Samaritans, The Reconstitution of Israel, The Work of Luke (Luke – Acts).

Introdução

Quando se trata de analisar teologicamente, na obra lucana (Lc-At), a relação entre Israel e demais nações, não raras vezes, sublinha-se a relação entre judeus e gentios sem sequer tocar a questão dos samaritanos. De fato, diversos comentários da obra lucana passam por cima da presença samaritana sem observar a importância que lhes é conferida naqueles relatos. Sublinhar a presença e a relação entre judeus e gentios, sem considerar os samaritanos, oferece ao leitor menos avisado a falsa ideia de que este “terceiro grupo” não teria recebido destaque por parte do autor sagrado. Contudo analisando mais de perto a obra lucana, em particular todas as perícopes em que os samaritanos aparecem com destaque, somos obrigados a nos perguntar: mas a final, será que esta percepção superficial corresponde, de fato, à intenção teológico-redacional do autor?

No terceiro evangelho, diferentemente dos outros dois sinóticos (Mt e Mc), é evidente que Jesus de Nazaré não sai do território da Palestina. De

fato, durante seu ministério público, Jesus nunca ultrapassa os confins da terra de Israel: Galiléia, Samaria e Judéia¹ (a única exceção encontra-se em Lc 8,26-39). Nota-se, portanto, que o autor distingue de forma explícita o campo geográfico da ação evangelizadora de Jesus, o Messias, descrito no evangelho (primeira parte da obra lucana), com aquele que será o campo de ação dos Doze apóstolos e de todos os seus discípulos e seguidores, descrito no livro de Atos dos Apóstolos (segunda parte da obra).

Deve-se observar ainda que, nas últimas instruções do Ressuscitado aos seus discípulos, antes de sua Ascensão (Lc 24,47-48; At 1,8), Jesus estabelece o itinerário de expansão do anúncio da boa nova e do testemunho apostólico: “... vós sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Judéia, na Samaria e até os confins do mundo...” (v.8). Note-se como a Samaria vem citada de forma explícita! Certamente porque este “território” (população) possui uma importância teológica! Pois bem, então, qual seria sua importância no plano histórico-salvífico universal descrito na obra lucana? Por que é tão necessário que a Samaria receba o anúncio de Jesus morto e ressuscitado, o Messias de Israel, salvador de todos os povos e nações? Por qual razão os samaritanos são apresentados pelo autor dentro de uma perspectiva sempre muito positiva e favorável?

1. Uma breve nota histórica

A região da Samaria, no séc. I d.C, constituía, em parte, o que no passado foi chamado “reino do Norte” (sécs. IX-VIII a.C.). Segundo a historiografia de Israel, as dez tribos do norte, após a morte de Salomão, decidiram formar um reino independente (1Rs 12)². Sendo que o “novo” reino não reconheceu a centralidade política e religiosa de Jerusalém (+- 930 a.C)³.

Dois séculos mais tarde, diante da ameaça imperialista da Assíria, os reis Rasin (Rason) de Damasco (Síria) e Péca de Samaria (Israel) procuraram estabelecer uma aliança militar com os demais reis da região siro-palestinese cis e transjordania. Dentro desta complexa realidade político-militar, Acaz, rei de Judá, foi convidado a compor esta aliança. Porém, ele recusou-se a participar porque julgou inútil gastar recursos humanos e militares contra a Assíria, a grande

¹ J. LEAL, “El plan literario del III Evangelio y la geografía”, *Estudios Eclesiásticos* 29 (1955), p. 197-215.

² Segundo o texto sagrado, este cisma ocorreu na assembléia de Siquém (por volta do ano 931 a.C.).

³ Quanto à questão da centralidade religiosa de Jerusalém, de fato, na Samaria, existiam diversos santuários, entre os quais se destacavam: Silo, Betel, Siquém e Dan.

potência da época. Para responder à recusa de Acaz, os reis de Damasco e de Israel, em 735-734 a.C., decidem atacar o reino de Judá. Frente a esta nova situação, Acaz, contrariando as instruções e os conselhos do profeta Isaías (cf. Is 8,5-8; 8,11-15), em 735 a.C., pediu socorro militar a Assíria (cf. Is 7-8; Os 5,8-6,6; 2Rs 16,7-9). Foi, então, que a intervenção militar dos assírios veio sobre os dois reinos do norte (Síria e Israel). Graças a sua inquestionável superioridade militar, a Assíria varreu do mapa político o reino de Damasco (732 a.C.)⁴. Sendo que, nesse primeiro instante, o reino de Israel (Samaria) escapou da destruição total porque o rei Oséias (732-724) decidiu pagar tributo a Teglath-Falasar III, rei da Assíria tornando-se seu vassalo (cf. 2Rs 15,19). Dez anos mais tarde, porém, em torno de 726-721 a.C., o reino de Israel foi subjugado e dominado pelo império Assírio (cf. 1Rs 17,5-6)⁵. Caiu, assim, e sucumbiu para sempre o primeiro dos “reinos irmãos”⁶; aqueles que, num passado não muito longínquo, teriam tido como antepassado comum o patriarca Jacó-Israel, o pai das doze tribos.

Por outro lado, é bom lembrar que o reino de Judá, a partir de 598-597 a.C., foi sendo progressivamente dominado pelos exércitos babilônios. Sendo que a destruição total e definitiva de Jerusalém e do Primeiro Templo ocorreu entre 587-586 a.C.⁷ sob o comando militar de Nabucodonosor, rei da Babilônia.

A questão histórico-cultural que mais nos interessa neste estudo, é recordar o tipo de dominação que os assírios impunham aos povos dominados. O império assírio utilizava a estratégia das deportações e da miscigenação de povos e raças⁸. Por isso, com a vitória assíria, um grande parte da população da Samaria foi deportada e, ao mesmo tempo, foram trazidas e assentadas populações estrangeiras em seu território⁹. Desta forma, devido às diversas deportações, a Samaria tornou-se uma região pluri-étnica e, consequentemente, pluri-religiosa (cf. 2Rs 17,24-41)¹⁰.

⁴ H. DONNER, *História de Israel e dos povos vizinhos*, II, p. 354.

⁵ Muito provavelmente o ano da queda definitiva da Samaria foi em 722 a.C.

⁶ A interpretação histórico-teológica da queda da Samaria, da destruição do reino de Israel e da deportação de sua população é descrita em 1 Rs 7-23.

⁷ Segundo os historiadores, houve 2 ou 3 deportações ao longo deste período. Lembre-se que as pessoas deportadas pertenciam às classes dominantes de Judá e Jerusalém. O povo da terra não foi deportado. Este último é chamado também o “povo remanescente”. Para quem deseja conhecer detalhes da realidade social Jerusalém recomenda-se ler as Lamentações de Jeremias.

⁸ H. DONNER, *História de Israel e dos povos vizinhos*, II, p. 354.

⁹ H. DONNER, *História de Israel e dos povos vizinhos*, II, p. 361.

¹⁰ O texto descreve a miscigenação cultural e racial como a estratégia da dominação assíria. Apresenta-se como este processo foi realizado na Samaria; além do mais, a narrativa descreve as consequências práticas destas deportações.

Com a formação e institucionalização do judaísmo do Segundo Templo, após o retorno do Exílio da Babilônia (a partir de 538 a.C.), em Judá, cristalizou-se progressivamente a ideia de que os samaritanos eram um povo impuro (por causa da miscigenação promovida pelos assírios). De fato, os judeus passaram a considerar que os habitantes da Samaria não eram descendentes das “dez tribos” que originariamente teriam formado o reino do Norte. Portanto, os samaritanos, não sendo herdeiros de Jacó-Israel, estariam excluídos dos benefícios concedidos ao povo eleito.

2. Os samaritanos na obra lucana (Lc-At):

A seguir, apresentam-se de forma sintética as perícopes lucanas nas quais existe a presença de samaritanos. Para uma visualização mais didática dividi-se a obra lucana em três grandes blocos: a) os relatos da infância (Lc 1-2); b) o corpo lucano (Lc 3-24); c) os Atos dos Apóstolos (At 1-28).

a) Nos relatos da infância (Lc 1-2)

É importante recordar aqui dois textos muito significativos para a compreensão teológica lucana: 1) o anúncio do anjo a Maria (Lc 1,26-38); 2) o anúncio do anjo aos pastores de Belém de Judá (Lc 2,8-14).

Na primeira perícope (Lc 1,26-38), temos o anúncio do nascimento do filho de Maria; o texto indica quem será esse menino, qual será sua missão e qual será seu campo de ação em meio ao povo. Destacamos aqui o v.33: “ele reinará sobre a casa de Jacó e seu reino não terá fim”. Note-se que o anúncio faz referência ao patriarca Jacó – Israel, o pai das doze tribos (cf. Gn 49).

Segundo o anjo, o Filho de Maria reinará sobre a casa de Jacó-Israel, o que necessariamente incluiria as tribos do reino do Norte (Samaria). A referência explícita a Jacó não pode ser um acaso! Pelo contrário, revela a real intenção teológica do autor: o menino Messias será aquele que restaurará o antigo Jacó-Israel. Assim, na visão teológica lucana, a missão do anunciado deveria se estender ao que fora o antigo Israel; isto é, sem excluir os samaritanos. É que se observa na sequência dos relatos do Terceiro Evangelho e no livro dos Atos dos Apóstolos.

Na segunda perícope (Lc 2,8-14), o anúncio aos pastores revela as consequências que o nascimento daquele menino terá para o povo da aliança. Destacamos os vv.10-11 – “O salvador, o Cristo Senhor, nascido hoje na cidade de David, será causa de *grande alegria* (χαρὰν μεγάλην) *para todo o*

povo (παντὶ τῷ λαῷ)”. Note-se que, em Lc-At, a utilização do substantivo *lao*, j indica, em primeiro lugar, o *povo* da Aliança, ou seja, Israel na sua totalidade (cf. Lc 2,32); e somente num segundo momento, indica o *povo* eleito alargado (ampliado) pela admissão de todas as nações na herança do povo de Israel (cf. Lc 2,31; At 15,14)¹¹.

Ainda nestes versículos, observa-se a referência ao rei David, que deve ser lida em paralelo com o discurso de Tiago, pronunciado durante a reunião apostólica de Jerusalém, em At 15,13-17, onde de forma genérica faz-se alusão à palavra dos profetas, mas, na verdade, utiliza-se e interpreta-se a citação de Am 9,11-12:

“... depois disto, voltarei e levantarei o tabernáculo caído de Davi, e as suas ruínas reconstruirei e o restaurarei ¹² para que busquem os restantes dos homens ao Senhor assim como todas as nações que são chamadas pelo meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde sempre...” (At 15,16-17).

Segundo a teologia lucana, a ação salvífica do Messias tem como objetivo, em primeiro lugar, restaurar o tabernáculo de David; a necessidade de reedificá-lo é condição essencial para que, num segundo momento, os povos e nações gentílicas sejam admitidos à herança messiânica que vem de Israel.

Surge, então, a pergunta: mas como compreender o significado da necessidade de restaurar o tabernáculo de David senão sublinhando a participação dos samaritanos na salvação oferecida pelo Messias de Judá? De fato, a referência a David, que reinara sobre as doze tribos, nos leva a pensar numa ação salvífica messiânica que se estende também sobre os territórios e as populações que compunham o reino do norte, ou seja, as tribos do norte.

b) No terceiro evangelho (Lc 3-24)

No conjunto de Lc 3-24, deve-se sublinhar a existência de três perícopes exclusivamente lucanas¹² nas quais a presença samaritana é destacada: 9,51-55; 10,29-37; 17,11-19.

¹¹ FRANKEMOLLE, H., "λαός", Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II, Sígueme: Salamanca, 1998, p. 15-29.

¹² Segundo J.A. FITZMYER, *Los Hechos de los Apóstoles*, I, p. 549, estas perícopes são redacionais lucanas porque não se encontram nos demais sinóticos (Mc e Mt). Note-se que na tradição sinótica, Lucas é o único que explicitamente apresenta Jesus tratando com os samaritanos.

1) A primeira perícope (Lc 9,51-55) encontra-se no início da grande sessão do “caminho de subida para Jerusalém” (Lc 9,51-19,27). Neste relato, descreve-se a ação de uma comitiva enviada pelo próprio Jesus para que a mesma lhe preparasse o caminho da missão durante sua passagem pela Samaria rumo a Jerusalém.¹³ Porém, ao entrarem num povoado samaritano, sabendo que Jesus e seus discípulos se dirigiam para Jerusalém, os samaritanos não os acolheram. Assim, pode-se notar que a sua destinação provocou a rejeição dos samaritanos. Frente a tal fato, dois discípulos (Tiago e João) perguntam a Jesus se eles poderiam invocar um fogo destruidor sobre aqueles “infiéis” samaritanos! Então, os dois são severamente repreendidos por Jesus! Sublinha-se a negativa de Jesus diante da proposta de seus discípulos. Portanto, segundo Jesus, os samaritanos não devem ser eliminados!

2) A parábola do “bom samaritano” (Lc 10,29-37), contada por Jesus para responder a uma pergunta de um doutor da lei que desejava colocá-lo à prova, sublinha que não é nem o sacerdote (v.31), nem o levita (v.32), mas o “infiel” samaritano (o qual também descia de Jerusalém a Jericó) que é apresentado por Jesus como um exemplo de observância do máximo preceito do judaísmo, o amor ao próximo!! (cf. Lc 9,27b). Diante da pergunta que lhe fora feita pelo doutor da lei: “quem é meu próximo?” (v.29), Jesus, ao contar a parábola, acaba por inverter a pergunta: “afinal, quem foi o próximo deste homem? Em outras palavras, e tu... és próximo de quem?” (cf. v.36).

É muito interessante observar que o evangelista apresente como exemplo de observância dos mandamentos alguém que os seus ouvintes jamais esperariam. De fato, exemplos de piedade e de retidão frente à Torá deveriam ser justamente os dois primeiros personagens (o sacerdote e o levita) que, passando pela estrada, ao ver o homem caído e ferido sequer pararam e seguindo seu caminho não deram sinal algum de compaixão e misericórdia.

3) O relato da purificação dos dez leprosos (Lc 17,11-19) que, ao verem Jesus pelo caminho, suplicaram pedindo piedade: “Jesus, mestre! Tende piedade de nós!” (v.13), nos indica que somente um dos dez purificados, um estrangeiro, um samaritano, volta para lhe agradecer após ter sido purificado. Justamente, o relato sublinha o fato de Jesus se admirar que entre os dez puri-

¹³ De fato, a comunidade lucana desconhece por completo a proibição mateada de não se dirigir aos samaritanos (Mt 10,5b).

ficados, apenas aquele estrangeiro (v.18) tenha tido a preocupação de voltar a Jesus para lhe agradecer.

O autor destaca que foi o samaritano que glorificando a Deus se prostrou diante de Jesus. Gesto frente ao qual, Jesus afirma que aquele homem samaritano, não estava apenas purificado, mas também salvo, segundo a sua fé manifestada. De fato, foram dez os “purificados” (καθαρίζω) mas, apenas um, o samaritano (“este estrangeiro” - ἀλλογενής), foi salvo: “*levanta-te (ἀνίστημι)*, a tua fé te *salvou* (σώζω)” (v.19).

Deve-se sublinhar que justamente a “pureza legal” era uma das questões, se não a principal, que separava os judeus dos samaritanos.

c) *Nos Atos dos Apóstolos*

Seguindo o esquema geográfico-teológico dos Atos dos Apóstolos, indicado na síntese de At 1,8, deve-se recordar a tríplice expansão que marca todo o livro: 1) do derramamento do Espírito; 2) do anúncio da Palavra; 3) do testemunho apostólico sobre a morte e ressurreição de Cristo.

Cabe ainda lembrar que nesta tríplice expansão, os três elementos citados são dependentes um do outro, se inter-relacionam, se sustentam e se explicam reciprocamente.

Pois bem, este processo de expansão, segundo o próprio Ressuscitado, começa em Jerusalém (“... *recebereis poder quando o Espírito venha sobre vós e sereis minhas testemunhas não só em Jerusalém...*” (At 1,8a). Sem dúvida, é em Jerusalém que, segundo Lc-At, se concentram os grandes eventos salvíficos protagonizados pelo Messias Jesus: sua entrada messiânica, seu ensinamento no Templo, a última Ceia, sua agonia e prisão no Jardim, seu julgamento, sua paixão, crucificação e morte, seu sepultamento e ressurreição, suas aparições, suas últimas instruções e sua elevação aos céus e o envio do Espírito Santo.

1) At 1 – A questão da substituição de Judas, o traidor. A reconstituição dos Doze. Devido à traição de Judas Iscariotes, o autor sente a necessidade de completar o número Doze. É preciso escolher o décimo segundo apóstolo! É nitidamente uma exigência teológica. Sabemos que este número refere-se teologicamente às doze tribos do antigo Israel e, portanto, está ligado a questão da Aliança!

Segundo At 1,21-22, Pedro, cabeça dos Doze (agora onze), apresenta à comunidade os critérios exigidos para recompor a instituição dos Doze: o esco-

lhido deve ter sido testemunha do ministério público de Jesus desde o início, isto é, desde o batismo de João no Jordão até sua elevação aos céus. Note-se, a exigência é clara: é preciso ser uma testemunha qualificada! A sorte cai sobre Matias, o qual “... *foi associado aos onze apóstolos*” (At 1,26). De forma objetiva a questão teológica da instituição dos Doze foi resolvida. Porém, não deixa de ser, no mínimo, curioso e interessante que Matias, o escolhido, na sequência de todo o livro de Atos desaparece por completo! Nenhum vestígio seu é deixado. Este fato reforça ainda mais a ideia de que a sua escolha não tem importância enquanto personagem. A sua escolha tinha para a teologia do autor uma importância enquanto completava o número Doze, remetendo à aliança com o antigo Israel (completo, total, unificado).

Seguindo o itinerário proposto pelo Ressuscitado (cf. At 1,8), para realizar o plano salvífico universal divino, descreve-se que a partir de Jerusalém, o processo de tríplice expansão, atinge toda a Judéia, para em seguida, impulsionado pela perseguição lançada sobre a igreja-mãe de Jerusalém, continuar rumo ao norte, chegando à região da Samaria. Começam, então, os relatos do anúncio da Palavra, do testemunho apostólico e do derramamento do Espírito na Samaria. Segundo Lucas, chegou a hora dos samaritanos! (cf. At 8).

2) Segundo At 8,4-8, os dispersos por causa da perseguição “anunciavam a boa nova da Palavra” (v.4). Então, Filipe desceu a uma cidade da Samaria e a eles proclamava o Cristo (v.5). Os sinais acompanhavam a pregação; sinais de libertação e salvação (vv.6-7). Diante do anúncio da Palavra e dos sinais que a acompanhavam, o autor descreve a resposta dos samaritanos; “foi grande a alegria naquela cidade” (πολλὴ χαρὰ ἐν τῇ πόλει ἐκεῖνῃ¹⁴ v.8). Note-se a repetição da mesma expressão utilizada no relato do anúncio do anjo feito aos pastores de Belém: “... *eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo* (λαός)”¹⁴ - (cf. Lc 2,10).

3) At 8,9-25 – O anúncio da Palavra e o testemunho de Jesus Ressuscitado na Samaria são confirmado pela presença dos Apóstolos Pedro e Tiago, enviados pela Igreja-mãe de Jerusalém. De fato, esta presença apostólica qualificada, permite conceder aos samaritanos a participação nos benefícios da Aliança operada em Cristo; em outras palavras, receber o dom do Espírito Santo. É o que nos relata esta perícopo: “... para que recebessem o Espírito

¹⁴ Recorde-se também a utilização do substantivo λαός - ver nota 11, neste artigo).

Santo... e estes recebiam o Espírito Santo” (“... ὅπως λάβωσιν πνεῦμα ἅγιον” // “... καὶ ἐλάβανον πνεῦμα ἅγιον” - At 8,15.17).

Não é a primeira e única vez que na obra lucana, para narrar o derramamento do Espírito Santo, como o dom por excelência da aliança pascal selada pelo Messias morto e ressuscitado, exige a participação do chefe dos Doze. Explica-se, portanto, porque Pedro e Tiago, enviados pela igreja de Jerusalém, chegam à Samaria¹⁵. São eles que terão o poder e a autoridade de invocar e conferir o Espírito Santo sobre os novos fiéis que pelo batismo aderem a Cristo. De fato, o Espírito gerador da vida cristã é concedido pela invocação apostólica¹⁶.

Na sequência do capítulo 8 de Atos, a narrativa descreve que o anúncio da Palavra e o derramamento do Espírito Santo sobre os samaritanos que haviam acolhido o testemunho apostólico, são causa de grande júbilo para os apóstolos, que voltando para Jerusalém, confirmam a vontade salvífica divina ao associar os samaritanos à herança do Messias de Israel; é o que nos relata o autor: “... tendo dado testemunho (verbo διαμαρτύρομαι) e anunciado a *palavra do Senhor* , τὸν λόγον τοῦ κυρι, ου // τὸν λόγον τοῦ θεοῦ)¹⁷, eles voltaram a Jerusalém, evangelizando muitos povoados dos samaritanos” (v.25).

Tendo presente a realidade de exclusão que os judeus praticavam frente aos samaritanos, entende-se melhor a profundidade teológica da inserção dos samaritanos na herança de Israel. De fato, com a constatação de que o Espírito Santo fora comunicado aos samaritanos, da mesma forma que fora dado aos judeus, a teologia lucana entende como concluída a questão da reconstituição do Israel das origens; agora, ancorados em Cristo, o Messias morto e ressuscitado, judeus e samaritanos são herdeiros da mesma promessa. Portanto, deve-se reconhecer que esta reconstituição é um aspecto teológico importante na compreensão lucana da ação salvífica de Jesus de Nazaré.

Ao concluir esta reconstituição de Israel narrada a longo dos capítulos 1 a 8 de Atos. O autor sagrado encontra-se livre teologicamente para relatar o passo seguinte no itinerário de expansão descrito em At 1,8: o anúncio da

¹⁵ Já em At 2, na narrativa do Pentecostes dos Judeus, é Pedro aquele que dá testemunho, em nome dos Doze, e interpreta o evento salvífico à luz das Escrituras. Ocorre o mesmo em At 10-11, quando conduzido à casa de Cornélio, o primeiro gentio que recebe o Espírito, Pedro ao começar seu anúncio da Palavra, testemunha o derramamento do Espírito sobre os gentios, o que o leva a se sentir obrigado a batizá-los.

¹⁶ J. A. FITZMYER, *Los hechos de los Apóstoles*, I, p. 548-549.

¹⁷ Note-se como esta questão do “anúncio da palavra de Senhor” é sublinhada ao longo do livro dos Atos (6,2.7; 8,14; 11,1;12,24; 13,5.7.44.46.48; 16,32; 17,13; 18,11).

Palavra, o testemunho apostólico e o derramamento do Espírito sobre os gentios. Inaugura-se, assim, a partir do capítulo 9 de Atos a missão entre os gentios. Para a realização desta nova fase do plano histórico salvífico universal divino o autor nos apresentará um novo personagem: Saulo de Tarso. Por meio de seu testemunho e missão se cumprirão as palavras do Ressuscitado “recebereis o Espírito Santo e vós sereis minhas testemunhas... até os confins da terra” (cf. At 1,8).

Conclusão

A ação messiânica de Jesus de Nazaré, na segunda parte da obra lucana, continua por intermédio do testemunho dos Apóstolos e demais discípulos, os quais estão a serviço da expansão do anúncio da Palavra e derramamento do Espírito. Sua missão, segundo o próprio Ressuscitado, passa pela região da Samaria. Os discípulos de Jesus devem, para cumprir a ordem expressa do Senhor, necessariamente trabalhar pela integração dos samaritanos à fé no Cristo morto e ressuscitado. Segundo, a teologia lucana, excluir os samaritanos da salvação oferecida pelo Messias Jesus seria o mesmo que decretar o rompimento total e definitivo do povo da Aliança.

Neste sentido é que recordamos o anúncio do anjo a Maria: o Messias “*receberá o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó*” (Lc 1,32-33). De fato, a memória do patriarca Jacó e do rei David remete a um tempo anterior à divisão das tribos do antigo Israel. Assim, os dois personagens aparecem na descrição da missão do Messias como vínculo de unidade entre as doze tribos. Faz-se referência, portanto, ao Israel das origens, contemplando os descendentes dos doze filhos de Jacó, sobre as quais David reinou desde Jerusalém! Recordando um tempo em que Israel era ainda unificado.

Para concluir, pode-se afirmar que a teologia lucana, num primeiro momento, expressa a necessidade da reconstituição de Israel para, num segundo, narrar a participação dos gentios na herança de Israel. É justamente esta a sequência que o autor proclama pela boca do Ressuscitado em At 1,8. Os relatos do pentecostes dos judeus (At 2), o pentecostes dos samaritanos (At 8) e o pentecostes dos gentios (At 10) confirmam de forma categórica e explícita o esquema geográfico-teológico lucano, por meio do qual apresenta o plano histórico salvífico universal divino.

Referências Bibliográficas

BOVON, F., *El Evangelio según San Lucas*, I-III, Salamanca, Sígueme, 1995-2002-2004.

DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*, I-II, São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles*, I-II, Salamanca: Sígueme, 2003.

FITZMYER, J. A., *El Evangelio según Lucas*, I-IV, Madrid, Cristiandad, 1986-2005.

FRANKEMOLLE, H., «lao,j», *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, II, Sígueme: Salamanca, 1998, p. 15-29.

LEAL, J., «El plan literario del III Evangelio y la geografía», *Estudios Eclesiásticos* 29 (1955), p. 197-215.

SACCHI, P., *Historia del Judaísmo en la época del Segundo Templo*, Editorial Trotta: Madrid, 2004.

Boris Agustín Nef Ulloa

Professor Assistente Doutor do Departamento de Teologia

Fundamental da PUC/SP

Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC/SP

Coordenador do Curso de Graduação em Teologia da PUC/SP

e-mail: baulloa@pucsp.br

Artigo Recebido em 25/08/2011

Artigo Aprovado em 30/11/2011